

Priscila Lawrenz¹
Luísa Cortelletti Zeni²
Thaís de Castro JuryArnoud²
Laura NicheleFoschiera³
Luísa Fernanda Habigzang⁴

Estilos, Práticas ou Habilidades Parentais: Como Diferenciá-los?

Styles, Practices or Parental Skills: How to Differentiate Them?

RESUMO

Este estudo apresenta e diferencia os conceitos estilos parentais, práticas parentais e habilidades sociais educativas parentais. Os conceitos são analisados como fatores que podem contribuir para a ocorrência de maus-tratos contra crianças. Foi possível verificar que esses conceitos nem sempre são descritos e diferenciados de forma clara na literatura. Dessa forma, as definições foram apresentadas com base em autores reconhecidos pelos estudos que desenvolvem na área há décadas. Os artigos foram selecionados em bases de dados nacionais e internacionais. Os estilos parentais são definidos como o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles. As práticas parentais envolvem técnicas utilizadas pelos pais em situações específicas de interação com os filhos. São menos estáveis do que os estilos parentais e sofrem a influência da cultura. Já as habilidades sociais educativas parentais são compreendidas como o conjunto de habilidades sociais dos pais aplicáveis à educação dos filhos e que contribuem para seu desenvolvimento e sua aprendizagem. As discussões apresentadas neste estudo podem contribuir para o trabalho de psicólogos que atuam no atendimento de crianças e suas famílias.

Palavras-chave: Estilos parentais; Práticas parentais; Habilidades sociais educativas parentais.

ABSTRACT

This study aims to present and differentiate the concepts of parenting styles, parental practices and parental educational social skills. The concepts are analyzed as factors that contribute, or not, to the occurrence of child maltreatment. It was possible to verify that the concepts are not always clearly described and differentiated in the literature. Thus, the definitions were presented based on authors recognized by the studies that have been developed in the area for decades. Articles were selected from national and international databases. Parenting styles are defined as the set of parents' attitudes and practices towards their children that characterize the nature of their interaction. Parenting practices involve techniques used by parents in specific situations of interaction with their children. They are less stable than parenting styles and are influenced by culture. Parental educational social skills, on the other hand, are understood as the set of parental social skills applicable to the education of their children and contributing to their development and learning. The discussion carried out in this study may contribute to the work of psychologists who work in the care of children and their families.

Keywords: Parenting styles; Parenting practices; Parental educational social skills.

¹ Mestre – (Estudante de Doutorado) – Porto Alegre –RS– Brasil.

² Estudante de Psicologia – (Estudante de Psicologia).

³ Estudante de Mestrado em Psicologia – (Estudante de Mestrado em Psicologia).

⁴ Doutora em Psicologia – (Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS).

Correspondência:

Priscila Lawrenz.

E-mail: prisci_lawrenz@yahoo.com.br

Este artigo foi submetido no SGP (Sistema de Gestão de Publicações) da RBTC em 08 de Abril de 2019. cod. 761.

Artigo aceito em 14 de Maio de 2020.

DOI: 10.5935/1808-5687.20200002

Mães, pais e outros cuidadores são reconhecidos como os principais perpetradores de maus-tratos contra as crianças (United Nations Children's Fund [Unicef], 2017; World Health Organization [WHO] & International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect [ISPCAN], 2006). Maus-tratos envolvem qualquer ação ou omissão que provoque danos à sobrevivência, à saúde, à dignidade e ao desenvolvimento da criança. Em termos de tipologia, incluem todas as formas de negligência, abusos físicos, psicológicos e sexuais (WHO & ISPCAN, 2006). Apesar dos avanços observados nas últimas décadas em relação à criação de medidas de proteção dos direitos das crianças, trata-se de um problema ainda muito presente e que demanda medidas de prevenção e enfrentamento (Unicef, 2017). Para combater os maus-tratos, não basta condenar os responsáveis pela violência, é necessário que sejam criadas e oferecidas intervenções para pais e cuidadores com o intuito de desenvolver práticas parentais efetivas, contribuir para relações mais seguras e estáveis, bem como diminuir os comportamentos agressivos e negligentes (WHO, 2009).

Para que profissionais de diferentes áreas (p. ex., psicologia, direito e assistência social) possam desenvolver intervenções voltadas à prevenção e ao enfrentamento dos maus-tratos contra crianças, é importante que conheçam a literatura sobre a relação entre pais e filhos. Em diferentes estudos sobre o tema são encontrados os conceitos de "estilos parentais" (Baumrind, 1966, 1967), "práticas parentais" (Hoffman, 1975, 1994) e "habilidades sociais educativas parentais" (Bolsoni-Silva, Marturano, & Loureiro, 2009; Del Prette & Del Prette, 2002). Dessa forma, o objetivo deste estudo é apresentar e diferenciar os conceitos de estilos parentais, práticas parentais e habilidades sociais educativas parentais. Além disso, pretende-se analisá-los como fatores que podem contribuir para a ocorrência de maus-tratos contra crianças.

ESTILOS PARENTAIS

Há décadas, pesquisadores têm se questionado sobre os padrões comportamentais dos pais e o que eles provocam nos filhos. O modelo proposto por Diana Baumrind (1966) é amplamente utilizado até os dias de hoje. A autora definiu os estilos parentais como o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles. Tal proposta considera paralelamente aspectos emocionais e comportamentais da conduta parental (Baumrind, 1967). Os valores e as crenças parentais, somados ao temperamento da criança, definem o estilo parental. Baumrind nomeou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e indulgente (Baumrind, 1966). Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) incluíram um quarto estilo parental, chamado de negligente.

A operacionalização de Baumrind (1966, 1967) subsidiou os estudos de Maccoby e Martin (1983), que estabeleceram como parâmetros de diferenciação dos estilos parentais duas dimensões chamadas de responsividade (*responsiveness*)

e exigência (*demandingness*). Responsividade refere-se a atitudes compreensivas dos pais que visam, por meio do apoio emocional e da comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos filhos. Já exigência inclui atitudes dos pais que buscam controlar os comportamentos dos filhos por meio de limites e regras. Pais com elevadas responsividade e exigência são classificados como autoritativos; já aqueles que apresentam baixas responsividade e exigência são tidos como negligentes. Pais muito responsivos, mas pouco exigentes, são categorizados como indulgentes, enquanto os muito exigentes e pouco responsivos são considerados autoritários (Maccoby & Martin, 1983).

Em relação à caracterização dos estilos, pais autoritativos encorajam a liberdade e a autonomia e são responsivos às necessidades e às opiniões dos filhos. Seus padrões de comportamento são baseados no respeito à individualidade dos membros da família, sendo um reflexo da abertura para o diálogo e da promoção da autonomia (Baumrind, 1971). Os pais exercem o controle quando necessário, porém não punem os filhos por meio de privações rígidas. Além disso, encorajam verbalizações, explicam o porquê das atitudes de controle e são claros em relação a suas expectativas (Baumrind, 1978; Prativa & Deeba, 2019). Pais autoritativos contribuem para que os filhos desenvolvam competência psicossocial, apresentem boa autoestima e bem-estar psicológico (Boeckel & Sarriera, 2006; Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Hock et al., 2018). De acordo com uma revisão da literatura sobre a relação entre estilos parentais e comportamentos de risco em adolescentes, identificou-se menor uso de drogas, ideação suicida e autolesão em filhos de pais autoritativos. Verificou-se, também, uma relação negativa entre apoio emocional dos pais e depressão em adolescentes (Newman, Harrison, Dashiff, & Davies, 2008).

As dificuldades para impor limites e fazer exigências aos filhos são características de pais indulgentes (Costa et al., 2000; Prativa & Deeba, 2019). O estilo parental indulgente, também chamado de permissivo, é marcado pela flexibilidade e evitação de conflitos (Givertz & Segrin, 2014). Pais indulgentes tendem a não reconhecer ou corrigir maus comportamentos. Além disso, não são claros em relação a suas expectativas (Prativa & Deeba, 2019). Filhos de pais indulgentes podem desenvolver autonomia e apresentar boa autoestima, entretanto, em virtude do baixo nível de monitoramento parental, tendem a apresentar problemas relacionados a hiperatividade, comportamento agressivo e abuso de substâncias (Glasgow, Dornbush, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997). Um estudo realizado com adolescentes afro-americanos com idades entre 11 e 14 anos investigou a relação entre estilos parentais e violência. Os adolescentes descreveram suas reações para situações hipotéticas que poderiam produzir reações violentas. Identificou-se que os adolescentes que descreveram suas mães como permissivas eram mais propensos a antever respostas violentas à situação hipotética (Miller, Dilorio, & Dudley, 2002).

A falta de engajamento na vida dos filhos e de interesse em oferecer assistência emocional é característica de pais negligentes (Maccoby & Martin, 1983). A negligência compromete o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes, prejudicando sua competência social e aumentando a ocorrência de depressão, ansiedade e somatizações (Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994). A literatura aponta que adolescentes criados por pais negligentes apresentam uma tendência maior de demonstrar estratégias desadaptativas de realização acadêmica, caracterizadas por comportamentos irrelevantes e passividade, os quais inibem o sucesso acadêmico (Pinquart, 2016; Masud, Thurasamy, & Ahmad, 2014; Weber, Brandenburg, & Viezzer, 2003). Além disso, apresentam maior risco de fazer uso de drogas ilícitas (Montoya, Castañeda, & Álvarez, 2016; Newman et al., 2008). Um estudo realizado por Tur-Porcar (2017) teve como objetivo avaliar a relação entre estilos parentais e uso da internet. Os resultados indicaram uma relação positiva entre estilo parental negligente e comportamentos aditivos no que concerne ao uso da internet.

Pais autoritários agem de forma rígida, impõem regras, não encorajam o diálogo e limitam a capacidade de autorregulação dos filhos (Glasgow et al., 1997; Prativa & Deeba, 2019). Além disso, são altamente demandantes e diretivos, mas tendem a não ser responsivos às necessidades emocionais dos filhos (Givertz & Segrin, 2014). Trata-se de um estilo parental controlador, frustrante e punitivo, o que pode produzir altos níveis de medo, raiva e retraimento social nos filhos (Trumpeter, Watson, O'Leary, & Weathington, 2008). Em decorrência disso, crianças e adolescentes cujos pais são autoritários apresentam maior risco de desenvolver depressão (Hock et al., 2018; Prativa & Deeba, 2019), ansiedade (Wolfradt, Hempel, & Miles, 2003) e fazer uso abusivo de substâncias (Montoya et al., 2016). Pais autoritários podem utilizar punições físicas sob a justificativa de controlar, educar e disciplinar os filhos (Ceconello, De Antoni, & Koller, 2003). O uso da "palmada", considerada a forma mais comum de punição física, ainda é normalizado em muitos contextos sociais. No entanto, são experiências que geram dor física e emocional, o que potencializa prejuízos para o desenvolvimento e a saúde das crianças (Gershoff, 2013; Turner & Finkelhor, 1996). Com o passar do tempo, a experiência de sofrer violência por alguém que a criança ama e de quem depende pode levar a sentimentos de desconfiança e prejudicar o estabelecimento de relações saudáveis com outras pessoas (Gershoff, 2016).

Estudos recentes têm apontado que o ambiente familiar pode ser uma fonte importante de estresse e afetar a estrutura e a funcionalidade do cérebro das crianças (Gershoff, 2016; Shonkoff et al., 2012). Relações entre pais e filhos marcadas por tensões e violência são identificadas como particularmente prejudiciais (Gershoff, 2016). Quando uma criança vivencia uma situação assustadora ou ameaçadora, há um aumento de seus batimentos cardíacos, secreção

de hormônios do estresse, maior fluxo de sangue para o cérebro e a sensação de vigilância e medo (Shonkoff, Boyce, & McEwen, 2009). Se ela puder contar com o suporte de um adulto, irá se tornar capaz de regular suas emoções e aprender formas efetivas de lidar com a situação que gerou estresse. No entanto, se a resposta ao estresse for ativada repetidas vezes e não houver o suporte de um adulto, tais experiências podem levar a consequências negativas. Crianças constantemente expostas a situações que representam ameaça podem ter dificuldades de memória e regulação das emoções, bem como aumento das respostas de medo (Gershoff, 2016). Em longo prazo, tais alterações podem ser a origem de doenças relacionadas ao estresse (Shonkoff et al., 2012).

Identificou-se escassez de estudos em nível nacional que tivessem como foco principal a relação entre estilos parentais e maus-tratos contra crianças. Em relação à produção brasileira, Ceconello e colaboradores (2003) realizaram uma revisão de literatura sobre práticas parentais e estilos parentais no contexto familiar com o objetivo de analisá-los como fatores potenciais de proteção ou risco para o abuso físico. De acordo com as autoras, mesmo ao utilizar uma medida restritiva no comportamento de uma criança, o pai ou a mãe podem demonstrar afeto e cuidado. No entanto, uma medida punitiva revela-se sempre pela imposição, caracterizando um estilo parental autoritário.

Gomide (2003, 2006, 2011) tem contribuído com estudos a respeito dos estilos e práticas parentais. A autora compreende que os estilos parentais têm o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento das crianças. Com o objetivo de mensurar esse constructo, desenvolveu o Inventário de Estilos Parentais (IEP). Trata-se de um instrumento composto por 42 afirmações, que abrangem duas práticas educativas positivas que promovem comportamentos pró-sociais (p. ex., monitoria positiva e comportamento moral) e cinco práticas negativas relacionadas a comportamentos antissociais (p. ex., monitoria negativa, negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada e abuso físico). O inventário tem duas versões. A primeira versão é respondida pelos pais em relação às práticas educativas adotadas com os filhos. A segunda é voltada para os filhos, que devem responder de acordo com sua percepção acerca das práticas dos pais (Gomide, 2003).

Costae colaboradores (2000) traduziram e adaptaram para o Brasil duas escalas para avaliar as dimensões responsividade e exigência, que permitem a classificação de quatro estilos parentais (autoritativo, autoritário, indulgente e negligente). O estudo foi realizado com 378 estudantes que cursavam o ensino médio em três escolas públicas de Porto Alegre (RS). Todos os participantes responderam às escalas em relação aos pais e às mães. A exigência materna foi percebida como mais elevada que a paterna entre os adolescentes. A responsividade materna também foi percebida como superior para ambos os sexos. Além disso, as meninas indicaram maior nível de exigência materna e paterna. Em relação ao estilo

parental, 36,7% o identificaram como autoritativo; 35,5%, como negligente; 14,5%, como indulgente; e 13,3%, como autoritário.

PRÁTICAS PARENTAIS

As práticas parentais, também chamadas de práticas educativas parentais, envolvem técnicas utilizadas pelos pais em situações específicas de interação com os filhos (Hoffman, 1975, 1994). São menos estáveis do que os estilos parentais e sofrem a influência da cultura (Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008). Os pais exercem uma função de cuidado a partir das práticas parentais que são aprendidas em determinado contexto sociocultural, o que denota a influência de crenças e valores específicos (Dessen & Polonia, 2007). Um estudo realizado por Macarini, Martins, Minneto e Vieira (2010) apontou a complexidade das relações familiares e das variáveis que influenciam as práticas parentais. Tais variáveis incluem características específicas da criança e dos pais, a relação entre os cônjuges, a história de criação dos pais e o contexto sociocultural.

Hoffman (1975) definiu duas categorias de práticas parentais, que são:

- a) Indutivas: sinalizam às crianças as consequências de seus comportamentos, levando-as à reflexão. Por meio das práticas indutivas os pais explicam às crianças seus valores, ações e métodos de disciplina. Estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, à internalização dos valores parentais e ao desenvolvimento de empatia e altruísmo (Hoffman, 1970).
- b) Coercitivas: atitudes disciplinares que envolvem uso da força, punição física e privações. Estão associadas a comportamentos negligentes (*p. ex.*, falta de atenção ou afeto) e abusivos (*p. ex.*, ameaças e castigos físicos) dos pais (Altafim & Rodrigues, 2015).

Darling e Steinberg (1993) desenvolveram um modelo que explica e diferencia estilos e práticas parentais. Estilos parentais são definidos como atitudes direcionadas às crianças que criam um clima emocional entre pais e filhos. As práticas parentais, por sua vez, promovem comportamentos específicos nas crianças, sendo maneiras de os pais alcançarem seus objetivos diretamente. Os estilos parentais são formados por práticas parentais e outros aspectos, como o tom de voz, e, portanto, influenciam a criança de forma indireta.

Gomide (2003, 2006, 2011) define práticas parentais como escolhas educativas que os pais estabelecem para ensinar, limitar e moldar os comportamentos dos filhos. A autora as categoriza em positivas (*p. ex.*, monitoria positiva e comportamento moral) e negativas (*p. ex.*, punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). As práticas parentais podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, como responsabilidade, empatia e honestidade, assim como permitir

o aparecimento de comportamentos antissociais, como furto, mentiras e uso de drogas (Gomide, 2006).

Quanto às práticas parentais relacionadas a um desenvolvimento saudável, a monitoria positiva envolve atenção e conhecimento dos pais em relação aos locais frequentados pelos filhos e sobre as atividades realizadas por eles. Além disso, inclui demonstrações de afeto e carinho, especialmente nos momentos de maior necessidade dos filhos (Gomide, 2003). Já o comportamento moral diz respeito à transmissão de valores como honestidade e senso de justiça, de modo a fornecer um modelo positivo que possibilite que os filhos saibam diferenciar o que é certo e o que é errado (Gomide, 2006).

Em relação às práticas associadas a comportamentos antissociais, a punição inconsistente ocorre quando o estado emocional dos pais determina as ações educativas. Assim, os pais punem ou reforçam os comportamentos dos filhos de acordo com o próprio humor. A negligência se configura quando os pais são ausentes, não cumprem com as suas responsabilidades, não estão atentos às necessidades dos filhos ou quando interagem com as crianças sem demonstrar afeto. A disciplina relaxada é identificada quando os pais ameaçam os filhos, porém, ao se depararem com comportamentos desafiadores e opostos, são omissos e as regras impostas não são cumpridas. A monitoria negativa é caracterizada pela fiscalização excessiva e pelas instruções repetitivas, que não são seguidas pelos filhos. O abuso físico, por sua vez, ocorre quando os pais machucam ou causam dor nos filhos com a justificativa de educá-los (Gomide, 2006).

A prática de corrigir os comportamentos das crianças por meio de punições físicas e psicológicas ainda é aceita em muitas culturas (Santini & Williams, 2011). Tende-se a valorizar a privacidade da vida em família e qualquer intervenção que confronte o discurso dos pais ou cuidadores é considerada intrusiva e ofensiva a sua autoridade (Gonçalves & Ferreira, 2002). O castigo físico é considerado aceitável a depender da justificativa, da falta cometida pela criança, da forma de agressão e da área do corpo atingida. O limite estaria na força empregada e na intencionalidade dos perpetradores (Donoso & Ricas, 2009). Décadas de pesquisas permitiram identificar que a punição física não é efetiva na melhora dos comportamentos das crianças. Pelo contrário, conduz a um agravamento do comportamento ao longo do tempo e coloca as crianças em risco para uma gama de consequências negativas, entre elas o desenvolvimento de transtornos mentais como depressão, ansiedade e estresse (Gershoff, Lee, & Durrant, 2017).

As práticas parentais negativas, como punição física e ameaças, parecem elevar a vulnerabilidade das crianças para sintomas internalizantes e externalizantes (Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini, & Hutz, 2005; Trepato, Granero, & Ezepeleta, 2014). Sintomas internalizantes incluem depressão, ansiedade e queixas somáticas. Já os sintomas externalizantes são caracterizados por agitação, agressão e comportamentos antissociais. Os sintomas internalizantes contribuem para o

afastamento em relação a outras pessoas, e os externalizantes podem incluir confrontos nos relacionamentos interpessoais (Coplan, Findlay, & Nelson, 2004). As práticas parentais positivas, como comunicação, estabelecimento de limites e afeto, estão associadas à prevenção de problemas de comportamento e à promoção de habilidades sociais (Bolsoni-Silva, Loureiro, & Marturano, 2014), especialmente se houver consistência no reforçamento de habilidades sociais infantis (Leme & Bolsoni-Silva, 2010).

De acordo com Plant, Pawlby, Pariante e Jones (2018), pais que experienciaram maus-tratos na infância podem ter dificuldades para exercer a parentalidade. O histórico de violência pode estar associado à diminuição da capacidade de respostas assertivas, poucas habilidades parentais e uso frequente de disciplina coercitiva. O uso de práticas parentais coercitivas influencia negativamente o comportamento das crianças, compromete seu desenvolvimento social, senso de segurança e regulação emocional. Nesse sentido, deve ser ofertado aos pais acesso a intervenções voltadas ao desenvolvimento de práticas parentais mais saudáveis.

HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS PARENTAIS

Habilidades sociais referem-se ao conjunto de comportamentos que o indivíduo apresenta para atender às diversas demandas oriundas das relações interpessoais (Del Prette & Del Prette, 2002). Comportamentos socialmente habilidosos incluem a expressão de atitudes, sentimentos, opiniões e desejos com respeito a si próprio e aos outros. Assim, as habilidades sociais envolvem as capacidades de iniciar e manter conversas, falar em grupo, elogiar, expressar amor, defender os próprios direitos, solicitar favores, recusar pedidos, expressar as próprias opiniões, saber se desculpar e receber críticas (Caballo, 1996). Pessoas socialmente habilidosas são capazes de promover interações sociais mais satisfatórias. A infância é um período decisivo para a aquisição dessas habilidades (Del Prette & Del Prette, 1999). Portanto, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos (Cia, Pereira, Del Prette, & Del Prette, 2006).

Del Prette e Del Prette (2002) propõem a análise das práticas parentais a partir do conceito de habilidades sociais educativas (HSE), definidas como aquelas intencionalmente voltadas à promoção do desenvolvimento e da aprendizagem de outra pessoa. As habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) podem ser compreendidas como o conjunto de habilidades sociais dos pais aplicáveis à educação dos filhos (Bolsoni-Silva, Marturano, & Loureiro, 2009) e que contribuem para seu desenvolvimento e sua aprendizagem (Del Prette & Del Prette, 2002). As expressões de afeto, carinho, atenção, opiniões e direitos, bem como a redução do uso de punições, são comportamentos relacionados às HSE-P. Além disso, outras habilidades importantes incluem estabelecer regras e dizer não

para pedidos que não são razoáveis (Silva, Del Prette, & Del Prette, 2000). Educar as crianças por meio das habilidades sociais possibilita que elas adquiram independência, autoconfiança e responsabilidade (Del Prette & Del Prette, 2005).

A falta de habilidades sociais educativas parentais pode levar à utilização de práticas punitivas e abusivas, sendo que a experiência de ser vítima de abusos na infância representa um grave fator de risco para o desenvolvimento físico, cognitivo, comportamental e emocional (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Gershoff, Lee, & Durrant, 2017). As consequências em curto prazo incluem percepção de falta de valor, desconfiança, baixa concentração e atenção. As emoções mais comuns geradas nas crianças são medo, tristeza e vergonha. Além disso, crescer em lares violentos contribui para que apresentem mais problemas de comportamento (Landers, Da Silva e Paula, & Kilbane, 2013). De acordo com Bolsoni-Silva e Marturano (2002), intervenções para os pais com a finalidade de promover habilidades sociais educativas ajudam a prevenir e reduzir problemas de comportamento e dificuldades escolares das crianças.

Leme e Bolsoni-Silva (2010) realizaram um estudo baseado no relato de 20 mães de crianças que apresentavam problemas de comportamento (grupo clínico) e 20 mães de crianças que não apresentavam problemas de comportamento (grupo não clínico). O objetivo foi comparar a frequência de habilidades sociais e de problemas de comportamento das crianças, descrever as situações em que elas apresentavam os comportamentos-problema ou eram socialmente habilidosas, assim como relatar o comportamento das mães diante da conduta dos filhos e a conduta dos filhos diante dos comportamentos maternos. A partir de análises de comparação foi possível verificar que as mães do grupo clínico proporcionaram menos momentos de interação positiva com os filhos e utilizaram, com maior frequência, práticas parentais negativas para estabelecer limites. Também foi identificado que as mães de ambos os grupos recorriam a práticas educativas não habilidosas diante dos problemas de comportamento dos filhos.

Sabbag e Bolsoni-Silva (2015) realizaram um estudo que teve como objetivo descrever e comparar, em grupos de risco e de não risco para problemas de comportamento, os diagnósticos de problemas de comportamento, de competência e de habilidades sociais. Para tanto, observaram interações sociais estabelecidas entre 24 mães e seus filhos adolescentes. Foram selecionadas mães que apresentavam estilo de risco e de não risco para problemas de comportamento. Das 24 mães escolhidas, 14 compunham o grupo de risco e 10, o de não risco. A amostra de adolescentes consistia em 6 meninos e 8 meninas do grupo de risco e 4 meninos e 6 meninas do grupo de não risco. Os resultados do estudo indicaram que os adolescentes do grupo de não risco apresentaram menos problemas externalizantes e mais habilidades sociais, já que suas mães executaram mais práticas parentais positivas. Identificou-se que conversas entre mães e filhos, assim como a expressão de carinho, aconteceram com maior frequência

no grupo de não risco. As mães do grupo de risco falavam com os filhos principalmente após a expressão de problemas externalizantes deles. Quando aplicaram limites, as mães do grupo de não risco utilizaram práticas educativas positivas (p. ex., conversar e pedir a mudança de comportamento), fazendo com que os filhos respondessem com obediência. As mães do grupo de risco aplicaram práticas educativas negativas (p. ex., gritar, ameaçar e bater), e os filhos responderam com desobediência.

Bolsoni-Silva, Loureiro e Marturano (2011) desenvolveram o Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P). Com um interesse quantitativo e qualitativo, o objetivo da entrevista é identificar, a partir de relatos espontâneos, respostas antecedentes e consequências das interações estabelecidas entre pais e filhos (Sabbag&Bolsoni-Silva, 2015). A entrevista é composta por 13 conjuntos de perguntas, por meio das quais é possível investigar as situações que envolvem seis classes de habilidades sociais educativas: manter conversação, expressar sentimento negativo, apresentar dificuldade em cumprir promessas, concordar com o cônjuge quanto à educação, identificar comportamentos dos quais não gosta e conversar sobre sexualidade (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008). A partir das perguntas, avaliam-se as habilidades sociais educativas parentais e as práticas negativas parentais, assim como as habilidades sociais e os problemas de comportamento dos filhos (Sabbag&Bolsoni-Silva, 2011).

Bolsoni-Silva (2017) realizou um estudo com o objetivo de descrever, comparar e relacionar interações sociais entre mães e filhos. Participaram 68 mães, 40 delas com o filho na pré-escola e 28, na escola. Entre as diferenças observadas, as mães do grupo clínico conversavam mais com as crianças após os problemas de comportamento, enquanto as mães do grupo não clínico conversavam em diferentes momentos do dia. Comparando meninos e meninas, os meninos eram expostos a práticas parentais mais negativas do que as meninas e apresentavam mais problemas de comportamento. Foi identificada relação positiva entre habilidades sociais educativas parentais e habilidades sociais das crianças. Para as meninas, foi encontrada relação positiva entre práticas negativas dos pais e problemas de comportamento. Para os meninos, identificou-se associação positiva entre habilidades sociais e problemas de comportamento.

Internacionalmente há poucos estudos que utilizam a expressão “habilidades sociais educativas parentais” em comparação à produção brasileira. Na temática da parentalidade, é utilizado com frequência o termo *socialization*, ou seja, socialização (Hastings, Grady, & Barrieau, 2018; Lara, Alvarez-Dardet, & Hidalgo-Garcia, 2016). A socialização é um conceito amplo, englobando a transmissão de normas culturais, expectativas e crenças da família para a criança a fim de que desempenhe comportamentos desejados em suas interações sociais. Os estudos internacionais que utilizam os termos

“habilidades sociais” e “pais” estão relacionados a intervenções que contam com a participação dos cuidadores para promover habilidades sociais em crianças que apresentam transtornos do neurodesenvolvimento, como o transtorno do espectro autista e a deficiência intelectual (Tonge, Brereton, Kiomall, Mackinnon, & Rinehart, 2012; Wetherby et al., 2014).

CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi apresentar e diferenciar os conceitos estilos parentais, práticas parentais e habilidades sociais educativas parentais. Além disso, objetivou-se analisar os conceitos como fatores que podem contribuir para a ocorrência de maus-tratos contra crianças. Foi possível verificar que os conceitos nem sempre são descritos e diferenciados de forma clara na literatura. Dessa forma, buscou-se apresentar as definições dos conceitos com base em autores reconhecidos pelos estudos que desenvolvem na área há décadas. Verificou-se escassez de estudos nacionais com foco na relação entre maus-tratos contra crianças, estilos parentais, práticas parentais e habilidades sociais educativas parentais. No entanto, foi possível identificar que o estilo parental autoritativo, a utilização de práticas parentais indutivas e a presença de habilidades sociais educativas parentais estão menos associados a violência. Além disso, contribuem para que as crianças apresentem níveis mais altos de autoestima, bem-estar psicológico, independência, autoconfiança e responsabilidade. Por sua vez, o estilo parental autoritário e a utilização de práticas parentais coercitivas, caracterizadas por punições físicas e ameaças, aumentam o risco de consequências negativas para a saúde e o desenvolvimento das crianças. A falta de habilidades sociais educativas parentais configura-se como um fator de risco para as crianças, pois os pais podem recorrer à utilização de práticas punitivas e abusivas. A intenção é que os conteúdos apresentados nesta revisão possam ampliar os conhecimentos de psicólogos e outros profissionais sobre a relação entre pais e filhos, bem como auxiliá-los a aplicar tais conhecimentos em intervenções com crianças e suas famílias.

REFERÊNCIAS

- Altafim, E. R. P., & Rodrigues, O. M. P. R. (2015). Práticas educativas maternas no primeiro ano de vida. *Journal of Human Growth and Development*, 25(3), 257-262.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9(3), 239-267.
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários.

- Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(3), 53-65.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: Comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, 27, 126-138.
- Bolsoni-Silva, A.T. & Loureiro, S.R. & Marturano, E. M. (2011). *Roteiro de entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P): manual técnico*. São Paulo: Vetor.
- Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S., & Marturano, E. M. (2014). *Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P): manual técnico*. São Carlos: Suprema.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2017). Práticas parentais educativas na interação social mães- filhos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19 (4), 25-44.
- Caballo, V. E. (1996). O treinamento em habilidades sociais. In: V. E. Caballo (Org.). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. (pp. 3-42). São Paulo: Santos.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(spe.), 45-54.
- Cia, F., Pereira, C. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81.
- Coplan, R. J., Findlay, L. C., & Nelson, L. J. (2004). Characteristics of preschoolers with lower perceived competence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 399-408.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2002). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo* (2. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia*, 17(36), 21-32.
- Donoso, M. T. V., & Ricas, J. (2009). Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. *Revista de Saúde Pública*, 43(1), 78-84.
- Gershoff, E. T. (2013). Spanking and child development: we know enough now to stop hitting our children. *Child Development Perspectives*, 7(3), 133-137.
- Gershoff, E. T. (2016). Should parent's physical punishment of children be considered a source of toxic stress that affects the brain? *Family Relations*, 65(1), 151-162.
- Gershoff, E. T., Lee, S. J., & Durrant, J. E. (2017). Promising intervention strategies to reduce parents' use of physical punishment. *Child Abuse & Neglect*, 71, 9-23.
- Givertz, M., & Segrin, C. (2014). The association between overinvolved parenting and young adults' self-efficacy, psychological entitlement, and family communication. *Communication Research*, 41(8), 1111-1136.
- Glasgow, K. L., Durnbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68(3), 507-529.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp.21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2011). *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. (10. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, H. S., & Ferreira, A. L. (2002). A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 18(1), 315-319.
- Hastings, P. D., Grady, J. S., & Barrieau, L. E. (2018). Children's anxious characteristics predict how their parents socialize emotions. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 47(7), 1225-1238.
- Hock, R. S., Mendelson, T., Surkan, P. J., Bass, J. K., Bradshaw, C. P., & Hindin, M. J. (2018). Parenting styles and emerging adult depressive symptoms in Cebu, the Philippines. *Transcultural Psychiatry*, 55(2), 242-260.
- Hoffman, M. L. (1970). Moral development. In Mussen, P. H. (Ed.), *Carmichael's manual of child psychology* (Vol. 2, pp. 261-360). New York: Wiley.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228-239.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30(1), 26-28.
- Landers, C., Da Silva e Paula, C., & Kilbane, T. (2013). Preventing violence against young children. In P. R. Britto, P. L. Engle, & C. M. Super (Eds.), *Handbook of early childhood development research and its impact on global policy* (pp. 85-122). New York: Oxford.
- Lara, B. L., Alvarez-Dardet, S. M., & Hidalgo-Garcia, M. V. (2016). Situational analysis of parental socialization in adolescence. *Revista de Cercetare si Interventie Sociala*, 52, 51-63.
- Leme, V. B. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais e problemas de comportamento: um estudo exploratório baseado no modelo construcional. *Aletheia*, 31, 149-167.
- Macarini, S., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 119-134.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology: socialization, personality, and social development* (4th ed., Vol. 4, pp. 1-101). New York: Wiley.
- Masud, H., Thurasamy, R., & Ahmad, M. S. (2014). Parenting styles and academic achievement of young adolescents: a systematic literature review. *Quality & Quantity*, 49(6), 2411-2433.
- Miller, J. M., Dilorio, C., & Dudley, W. (2002). Parenting style and adolescent's reaction to conflict: is there a relationship? *Journal of Adolescent Health*, 31(6), 463-468.

- Montoya, J. A., Castañeda, L. M., & Álvarez, C. V. (2016). Estilos parentales y consumo de sustancias psicoactivas en estudiantes de 8º a 10º. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(2), 1345-1356.
- Newman, K., Harrison, L., Dashiff, C., & Davies, S. (2008). Relações entre modelos dos pais e comportamentos de risco na saúde do adolescente: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(1), 142-150.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55-61.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. B., & Schneider, A. M. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66-73.
- Pinquart, M. (2016). Associations of parenting styles and dimensions with academic achievement in children and adolescents: a meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 28(3), 475-493.
- Plant, D.T., Pawlby, S., Pariante, C.M., & Jones, F.W. (2018). When one childhood meets another – maternal childhood trauma and offspring child psychopathology: a systematic review. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 23(3), 483-500.
- Prativa, S., & Deeba, F. (2019). Relationship between parenting styles and depression in adolescents. *Journal of Biological Sciences*, 28(1), 49-59.
- Sabbag, G. M., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). A relação das habilidades sociais educativas e das práticas educativas maternas com os problemas de comportamento em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 423-441.
- Sabbag, G. M., & Bolsoni-Silva, A. T. (2015). Interações entre mães e adolescentes e os problemas de comportamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(1), 68-83.
- Santini, P. M., & Williams, L.C.A. (2011). Castigo corporal contra crianças: o que podemos fazer para mudar essa realidade? In C.V.B.B. Pessoa, C.E. Costa, & M.F. Benvenuti (Orgs.), *Comportamento em foco* (pp. 603-612). São Paulo: Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental.
- Shonkoff, J. P., Boyce, W. T., & McEwen, B. S. (2009). Neuroscience, molecular biology, and the childhood roots of health disparities: building a new framework for health promotion and disease prevention. *Journal of the American Medical Association*, 301(21), 2252-2259.
- Shonkoff, J. P., Garner, A. S., & The Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, Committee on Early Childhood, Adoption, and Dependent Care, and Section on Developmental and Behavioral Pediatrics. (2012). The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, 129(1), 232-246.
- Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2000). Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65(3), 754-770.
- Tonge, B., Breerton, A., Kiomall, M., Mackinnon, A., & Rinehart, N. J. (2012). A randomised group comparison controlled trial of “preschoolers with autism”: a parent education and skills training intervention for young children with autistic disorder. *Autism*, 18(2), 166-177.
- Trepát, E., Granero, R., & Ezpeleta, L. (2014). Parenting practices as mediating variables between parents’ psychopathology and oppositional defiant disorder in preschoolers. *Psicothema*, 26(4), 497-504.
- Trumpeter, N. N., Watson, P. J., O’Leary, B. J., & Weathington, B. L. (2008). Self-functioning and perceived parenting: Relations of parental empathy and love inconsistency with narcissism, depression, and self-esteem. *Journal of Genetic Psychology*, 169(1), 51-71.
- Turner, H. A., & Finkelhor, D. (1996). Corporal punishment as a stressor among youth. *Journal of Marriage and the Family*, 58(1), 155-16.
- Tur-Porcar, A. (2017). Parenting styles and internet use. *Psychology & Marketing*, 34(11), 1016-1022.
- United Nations Children’s Fund (Unicef). (2017). A familiar face: violence in the lives of children and adolescents. Recuperado de https://www.unicef.org/publications/index_101397.html
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79.
- Wetherby, A. M., Guthrie, W., Woods, J., Schatschneider, C., Holland, R. D., Morgan, L., & Lord, C. (2014). Parent-implemented social intervention for toddlers with autism: an RCT. *Pediatrics*, 134(6), 1084-1093.
- Wolfradt, U., Hempel, S., & Miles, J. N. (2003). Perceived parenting styles, depersonalisation, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 34(3), 521-532.
- World Health Organization (WHO). (2009). *Violence prevention the evidence – Preventing violence through the development of safe, stable and nurturing relationships between children and their parents and caregivers*. Geneva: WHO. Recuperado de: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/44088>
- World Health Organization (WHO), & International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect (ISPCAN). (2006). *Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence*. Geneva: WHO. Recuperado de: http://www.who.int/violence_injury_prevention/publications/violence/child_maltreatment/en/